



VI Simpósio Nacional de **HISTÓRIA CULTURAL** Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

EXPRESSÕES DO IDEÁRIO REPUBLICANO NACIONAL NO COTIDIANO ESCOLAR: O ACERVO FOTOGRÁFICO DO COLÉGIO MILITAR DO CEARÁ (1919-1938)

Yana Azevedo*

Jailson Pereira da Silva (Orientador)**

1

CIVILIZAÇÃO E PROGRESSO: PRÁTICAS CORPORAIS E O PROJETO POLÍTICO-CULTURAL REPUBLICANO

Em um primeiro momento, faz-se necessário definir os conceitos que serão trabalhados no decurso da escrita. Segundo Hobsbawm (1992), o conceito de nacionalismo expressa-se através de um sentimento que surge entre grupos e indivíduos e caracteriza-se pela devoção política enquanto obrigação pública do indivíduo perante a nação. A definição de nacionalismo como elemento relacionado ao conceito de cultura política possibilita a compreensão da ligação existente entre as práticas que visavam a valorização da nação, tais como eram preconizadas pela doutrina militar, e a educação, tendo em vista que a cultura política compõe-se de um conjunto de códigos formalizados no interior das instituições de modo geral, e, de modo particular, no Exército e nas escolas militares, compreendidos como espaços fundamentais à mecânica de estruturação do Estado Nacional.

* Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Grupo de Pesquisa História e Documento: reflexões sobre fontes históricas.

** Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará.

O conceito de cultura escolar também se apresenta como importante subsídio teórico para a abordagem e desenvolvimento do tema. Juliá (2001) compreende cultura escolar como

[...] um conjunto de “normas” que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de “práticas” que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (2001, p. 10).

A cultura escolar, portanto, não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas que ela mantém com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas, dentre elas a cultura política e a cultura popular. Obviamente, cada adjetivação da cultura (escolar, popular, política) implica uma nova fenda nos labirintos conceituais. Percorrê-las, por ora, é gesto arriscado e impossível. O que nos interessa, como ponto fulcral para esse trabalho é entender que há uma relação visceral entre os ideais de um corpo racionalizado, controlado, positivado, construído pelos preceitos do militarismo, e as ideias republicanas, pautadas na noção de ordem e progresso.

2

Esse corpus de valores se coadunam ao imaginário, que como propõe Pesavento (2004, p. 43), pode ser compreendido como um “*um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo*”. A partir deste conceito, reafirma-se a prerrogativa da existência de elementos comuns à doutrina militar e ao pensamento pedagógico em voga ao longo da primeira metade do século XX, sobretudo nas escolas vinculadas às Forças Armadas.

Para a comprovação dessa hipótese, pretende-se demonstrar a interação dos discursos produzidos pelo Exército e apropriado pelas escolas, que se expressam mediante práticas sociais que instituem representações coletivas. Esta apropriação e ressignificação de determinados elementos do discurso militar por parte da escola permite constatar as similaridades entre a visão de mundo da caserna e da escola. Ou, por outro lado como as visões de mundo de uma interferem na visão de mundo da outra.

Nas últimas décadas do século XIX, a educação foi considerada como o elemento propulsor do progresso e da civilização. No discurso daqueles que implantaram, no Brasil, o novo regime político em 1889, era preciso construir uma

nação em sintonia com os parâmetros de modernidade preconizados pela elite intelectual europeia. Neste ínterim, caberia à educação republicana o dever de moldar a consciência da população para viver em um Brasil moderno pautado em uma racionalidade que previa a atividade física nas escolas como elemento que proveria o bem-estar social, a maior aptidão ao trabalho e a formação física de caráter integral.

Muito embora a educação ainda não fosse universalizada pelos diferentes espaços sociais, é possível afirmar que, nas décadas iniciais do século XX, o ambiente escolar era tido essencialmente como um dos espaços onde vieram a se consolidar as práticas relacionadas ao projeto político-cultural do início da República, e que tinha por base os valores morais e cívicos. Desta forma, a escola, a partir da ideologia patriótica e das práticas cotidianas de caráter cívico-militar, tornar-se-ia um campo fértil, solo promissor para a disseminação de valores voltados à construção da identidade nacional.

Era, portanto, no espaço escolar que deveria ocorrer a educação integral do aluno, compreendida por sua formação física e intelectual. Neste ínterim, o militarismo teve um papel relevante na política brasileira durante a Primeira República, tendo em vista que a transposição de estruturas de quartéis militares para as escolas fundamenta-se na ideia de que o comprometimento escolar com a formação do aluno concentra-se na hierarquização e na adoção de modelos compatíveis com a ideologia patriótica perceptíveis nas práticas de caráter cívico-militar, a exemplo das marchas, desfiles e demais, ritualizados e simbolizados como atos de devoção à pátria-mãe.

Desta forma, a nação brasileira e o sentimento de identidade nacional viriam a consolidar-se, nas décadas iniciais do século XX, entre as paredes majestosas das escolas, especialmente as das instituições de ensino militar, tais como o Colégio Militar do Ceará. Um dos propósitos explícitos das escolas primárias era, portanto, formar cidadãos capazes do sacrifício em prol da defesa da pátria. A inclusão da Educação Física como disciplina do currículo escolar ativo nos grupos escolares de modo geral, e nas escolas militares em particular, indica uma preocupação dos intelectuais e legisladores brasileiros com a constituição de uma nova cultura em torno de práticas corporais, as quais deveriam ser adequadas ao novo modelo de sociedade que se desejava implantar nos primórdios do período republicano brasileiro. A descoberta do corpo, no geral, e a prática de esportes, em particular, fazem parte de um mesmo

movimento de modernização das posturas sociais. O corpo atlético passa a ser compreendido como um ideal de charme e de beleza, mas também como um modelo de conduta, de controle, de normatização dos sujeitos aptos a atender as exigências que a nova sociedade republicana impunha.

Cabe, contudo, investigar a forma como se deu a elaboração de um conjunto de práticas culturais em torno das atividades de Ginástica e de Educação Física, considerando também as resistências, as adaptações, as interpretações e as respostas dos atores sociais que circularam por esses espaços, buscando verificar também as lacunas existentes entre o prescrito pelo regimento interno da escola, o que era edificado ou construído pelos professores enquanto conhecimento teórico, o recomendado pelos médicos e autoridades no campo da saúde, e aquilo que era realmente colocado em prática pelos alunos no cotidiano, e, desta forma, compreender como se deu a configuração de saberes em torno da prática corporal no Colégio Militar do Ceará.

Advindos do Exército, os regimentos das escolas militares brasileiras, de modo geral, e do Colégio Militar do Ceará, em particular, explicitavam a necessidade de se ter um corpo saudável, o qual deveria prover o sustento da atividade intelectual. No início do século XX, a Educação Física, ainda sob o nome de Ginástica, foi incluída no currículo do Colégio Militar do Ceará. A Educação Física, cujos objetivos passariam a compreender a transformação dos organismos masculinos em corpos fortes, sadios, belos, aptos, refletiam os princípios postulados pelos ideais republicanos. Para cumprir os programas das disciplinas, nas reformas no projeto arquitetônico do Colégio Militar do Ceará, foram previstos galpões que deveriam ser cobertos e cimentados. Tal aspecto indicava uma eminente preocupação com a construção de espaços específicos, os quais deveriam ser adequados para recreio e para a prática de exercícios físicos e militares. As melhorias de caráter estrutural, tais como a construção de alojamentos, rouparias, quadras e campos para a prática de exercícios, foram implantadas no Colégio Militar do Ceará durante o comando do Coronel Eudoro Correia, entre os anos de 1923 e 1936. Tais transformações na estrutura física do espaço escolar podem ser constatadas através da análise do acervo fotográfico da Instituição e dos boletins internos, os quais serviam de registro dos acontecimentos cotidianos da escola.

**FOTOGRAFIA E HISTÓRIA: UM CAMPO DE INTERPRETAÇÕES
POSSÍVEIS A PARTIR DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO COLÉGIO
MILITAR DO CEARÁ**

Em um contexto de grandes transformações sociais desencadeadas nos anos finais do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, desenvolveram-se novas possibilidades de circulação da cultura humana, dentre elas a fotografia. Considerada, a partir da renovação da historiografia ocidental proposta pela Escola dos Annales, como um instrumento que possibilita o registro da vida humana em sociedade, a fotografia tornou-se fonte para a construção do conhecimento histórico, tendo em vista que “*toda a produção imagética constitui um patrimônio cultural que permite conhecer as singularidades dos grupos retratados e da própria sociedade*” (CANABARRO, 2005, p. 39).

Pierre Nora observa que, a partir dos anos 70 do século XX, o texto visual, principalmente a fotografia, passa a fazer parte da escrita da história. O autor salienta que a necessidade de se trabalhar com um conjunto diferenciado de abordagens e corpus documental visando compreender outras dimensões da experiência humana a partir da emergência da História Cultural, possibilitou a valorização das fontes imagéticas. Nesta perspectiva, Chartier (1990) observa que a imagem passou a ser apreendida como documento histórico, ou seja, as propriedades técnicas, estilísticas e iconográficas estão relacionadas a um modo particular de percepção dos fatos, moldada a partir de uma experiência social.

Contudo, as imagens devem ser compreendidas como produtos das sociedades que as fabricaram segundo relações de força e também como tentativas de autorrepresentação de um determinado grupo social. Sabe-se, no entanto, que as imagens, como quaisquer outros registros humanos, são passíveis de múltiplas interpretações. Por esse motivo, faz-se necessária a análise do caráter de representação da fotografia, bem como a discussão acerca dos aportes teóricos e metodológicos com o objetivo de permitir que a dimensão propriamente visual do real possa vir a ser integrada à pesquisa histórica.

As fontes imagéticas permitem ir muito além das meras descrições, justamente porque aportam expressões de subjetividades vividas. A partir da leitura dos elementos

que a compõem (como ângulo, cor, profundidade, perspectiva) é possível caminhar em direção à compreensão do caráter simbólico expresso a partir de diversos sistemas e códigos de conduta relacionadas às representações sociais. De acordo com Canabarro (2005, p. 26)

No conjunto de imagens que traduzem o mundo, a fotografia pode servir como uma alternativa a mais de leitura da realidade. Enquanto produto cultural, é uma construção feita por um sujeito mediador, o fotógrafo, que seleciona pessoas e elementos e os enquadra na bidimensionalidade de um espaço a ser recortado. Entre este sujeito e o retratado está a tecnologia, que permite a fixação da cena escolhida. Visto a fotografia ser um produto cultural, a sua construção faz parte de um determinado contexto histórico, que influencia na construção do olhar do fotógrafo, nas representações sociais impressas e no equipamento tecnológico empregado para a tomada da imagem.

Em suma, Mauad conclui que:

Nessa perspectiva, a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sógnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem. Estabelecem-se, assim, não apenas uma relação sintagmática, à medida em que veicula um significado organizado, segundo as regras da produção de sentido nas linguagens não-verbais, mas também uma relação paradigmática, pois a representação final é sempre uma escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis. Na qualidade de texto, que pressupõe competências para sua produção e leitura, a fotografia deve ser concebida como uma mensagem que se organiza a partir de dois segmentos: expressão e conteúdo. O primeiro envolve escolhas técnicas e estéticas, tais como enquadramento, iluminação, definição da imagem, contraste, cor etc. Já o segundo é determinado pelo conjunto de pessoas, objetos, lugares e vivências que compõem a fotografia. (MAUAD, 1996. p. 79)

Considerando os pressupostos que permeiam a relação entre História e Fotografia, é possível analisar alguns aspectos concernentes à relação entre militarismo e nacionalismo, tais como a prática de esportes e de exercícios militares. Alguns desses registros fotográficos possibilitam a observação de agrupamentos que poderiam ser eminentemente associados a um fator de coesão interna e à configuração de uma identidade particular, a de aluno ou “cadete”. Nas escolas militares, os uniformes, os

hinos, os gestos e práticas corporais atuam como elementos que auxiliam na configuração de uma identidade, especialmente no caso dos alunos recém-ingressos. O fato de esses alunos apresentarem-se quase sempre em grupo ao invés de isoladamente nos levam à suposição de que a coletividade deveria suplantar a individualidade, sendo possível ainda inferir que a nação ou o sentimento de amor pela pátria deveria estar acima das vontades individuais, como se o corpo social devesse ser mais importante que o corpo individual.

Como foi dito, a fotografia constitui-se numa tentativa de autorrepresentação por parte de um grupo social. Por esse caminho, o que pode ser inferido a partir da análise do acervo fotográfico do Colégio Militar do Ceará é que as imagens visavam às demonstrações de ordem, disciplina, força física, destreza e habilidade por parte dos alunos e que tais aspectos eram considerados, por quem tinha acesso às mesmas, como a prova cabal de que a Instituição era capaz de manter o controle sobre os corpos, dotando-os de capacidades físicas, técnicas e intelectuais, atendendo à perspectiva da "Mens Sana in Corpore Sano".

É válido ressaltar, contudo, que as imagens relacionadas às práticas esportivas, ao exercício da Ginástica e da Educação Física, as quais estão associadas às demonstrações de controle e disciplina dos corpos podem dialogar com outras fontes primárias, como os boletins internos. Estes registros do cotidiano escolar permitem entrever as estratégias adotadas pelos alunos na tentativa de burlar o rígido modelo de controle baseado em um sistema disciplinar que previa severas punições aos atos de indisciplina. Percebe-se, no diálogo com as fontes, que a prática da atividade física não possuía a mesma importância para todos os alunos. Através da leitura dos boletins é possível constatar que eram frequentemente punidos com isolamento os alunos que não compareciam aos exercícios militares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de um acervo fotográfico para a compreensão das representações do ideário republicano nacional perpassa pela compreensão de que, em primeiro lugar, a fotografia é um produto social que revela as demandas de um grupo social específico, a saber, os membros integrantes do comando do Colégio Militar do Ceará. É válido

ressaltar que este grupo pode ter se utilizado da fotografia para divulgar e legitimar o seu poder, buscando implantar matrizes para as práticas sociais, através das quais se torna possível inferir quais eram os instrumentos adotados pelo Exército para engendrar a construção de modelos ideais de comportamento, bem como fomentar sentimentos de coesão e de identidade nos alunos da referida instituição.

Deve-se ainda considerar o padrão de circulação das fotografias que compõem o Acervo Fotográfico do Colégio Militar do Ceará no período de 1919 a 1938, tendo em vista que estas eram publicadas na Revista Anual da referida instituição e possuíam larga difusão entre os estudantes e seus familiares, os quais se reconheciam como componentes da emergente elite cearense e como elementos que promoviam o progresso intelectual da cidade.

É válido ressaltar, portanto, que as fotografias apresentam as formas de pensamento de uma época, constituindo a sua autorrepresentação, tendo em vista que o que fica marcado sobre o papel é quase sempre aquilo que a sociedade deseja mostrar de si mesma. A imagem abre espaço para as interpretações, permitindo ao pesquisador visualizar a auto-imagem de uma época, de um grupo, de um governo. Permanece, portanto, para a posteridade, somente aquilo que foi selecionado, especialmente na década de 1920, quando os custos com as fotografias ainda eram bastante elevados e necessitava-se de profissionais para que o trabalho fosse executado.

Através da análise das fotografias do Acervo Fotográfico do Colégio Militar de Fortaleza concernentes ao período de funcionamento do Colégio Militar do Ceará, entre os anos de 1919 e 1938 é possível perceber que as práticas cívico-militares atendiam a múltiplos propósitos, tais como a perpetuação da memória histórica institucional, a exibição das virtudes morais e cívicas inscritas na obra formativa escolar, a ação educadora da escola para o conjunto da sociedade ou a expressão do imaginário sociopolítico da República. As práticas de militarização da infância perceptíveis através da análise das fotografias dos alunos no momento da prática dos exercícios de ginástica demonstram, portanto, como os regimentos internos buscavam aliar a educação moral e cívica às políticas do corpo.

Apesar de este artigo ter por objetivo a realização de um estudo pontual sobre imagens de uma instituição escolar específica, pode-se, a partir delas, inferir sobre

características do ideário republicano nacional, no que tange às instituições e às práticas escolares. É válido ainda ressaltar que o discurso militarizante tal como era perceptível a partir da sua expressão nos regimentos internos e nas normas educacionais, foi implementado por meio de práticas educacionais dos professores e oficiais nas escolas militares, sendo constantemente ressignificado pelas práticas cotidianas dos alunos. Todavia, algumas das ideias que perpassam a escola, as teorias educacionais e a doutrina militar são comuns. Os ideais de racionalidade, homogeneidade, disciplina social, civismo e nacionalismo, estão presentes em larga escala no cotidiano das escolas militares.

Na educação dos corpos encontra-se um dos pontos que permitem perceber as similaridades entre a escola e a caserna. Sem dúvida, a prática da Educação Física relacionada à militarização da educação demonstrou que a introdução e institucionalização da mesma, na primeira metade do século XX, nos estabelecimentos de ensino civis e militares no Brasil está diretamente vinculada às iniciativas militares e relaciona-se à concepção de defesa nacional. Uma questão para ser discutida, portanto, diz respeito à presença militar na educação via ginástica, educação física e práticas de educação do corpo. Nessa medida, uma das hipóteses aqui sustentadas é de que o Colégio Militar do Ceará constituiu-se como um canal de difusão de valores e práticas militares estritamente associados à cultura política nacionalista no Estado do Ceará.

Em suma, através da análise das relações entre os vestígios da cultura material escolar presentes nas fotografias e o cotidiano dos alunos no Colégio Militar do Ceará (1919 – 1938), é possível demonstrar a interação dos discursos produzidos pelo Exército, apropriados pela escola, os quais se expressam mediante práticas sociais e institucionais a partir das representações de caráter coletivo presentes nas fotografias e perceber a prática da Educação Física no Colégio Militar do Ceará como estando relacionada ao processo de militarização da educação ocorrido no Brasil na primeira metade do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANABARRO, Ivo. **Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações.** Estudos Ibero- Americanos, PUCRS, v.XXXI, n. 2, p. 23-39, dez., 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JULIÁ, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico.** Revista Brasileira de História da Educação. Campinas: Sociedade Brasileira de História da Educação; Autores Associados, n. 1, jan./jun. 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1989.

MARQUES, Janote Pires; FILHO, Luciano Klein. **O Casarão do Outeiro: Memórias e Ilustrações.** Fortaleza: ABC Editora, 2007.

MARQUES, Janote Pires. **Rememorações: Eduardo Hugo Frota e suas memórias dos tempos do Colégio Militar do Ceará (1931-1936).** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História – Interfaces.** Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.

NETO, Amarílio Ferreira. **A Pedagogia no Exército e na Escola: a Educação Física brasileira (1880-1950).** Aracruz, ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima. **A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira.** Caderno Cedex. Campinas. Nº 52, nov. de 2000.

FONTES

Revista “A Defesa Nacional”

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

CARLOS, M. **Instrução militar nas escolas**. *A Defesa nacional*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 89, p. 138-139, nov. 1920.

SOMBRA, S. **Pedagogia no exercito**. *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, ano 24, n. 279, p. 252-258, 1937.

RESUMOS HISTÓRICOS

RESUMO HISTÓRICO DO COLÉGIO MILITAR DO CEARÁ (março de 1919 a dezembro de 1938). Colégio Militar de Fortaleza, 1982.

ÁLBUM FOTOGRÁFICO

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS. Colégio Militar do Ceará. 1924